

# A UTILIZAÇÃO DE CONTOS AFRICANOS COMO APORTE PEDAGÓGICO: AS PANQUECAS DE MAMA PANYA<sup>1</sup>

Carla Caroline Santana<sup>2</sup>

Marilene Costa Vieira<sup>2</sup>

Naiane Jesus Pinto<sup>3</sup>

## RESUMO

Para nosso estudo tratamos aqui a identidade como uma característica construída socialmente em conjunto e vivência com os demais sujeitos de um determinado grupo em diferenciação com os demais grupos com os quais se relacionam, inclusive na escola. Para desenvolvimento e análise do trabalho proposto foi utilizado o conto “As panquecas de Mama Panya”, “África meu pequeno Chaka”, onde realizamos uma sequência didática, que passeia pelas diversas disciplinas, culminando em uma apresentação denominada como Festa Literária. A temporalidade foi visualizada a partir da observação das ilustrações, possibilitando ao olhar dos alunos várias interpretações ao decorrer ao processo de contação, a descoberta do idioma e seus significados.

**Palavras-chave:** Características nacionais africanas na literatura. Contos africanos. Negros - Identidade racial.

## ABSTRACT

For our study, we deal with identity as a characteristic socially constructed together and living with the other subjects of a particular group in differentiation with the other groups with which they relate, including in the school. For the development and analysis of the proposed work we used the short story "Panama Mama Panya", "Africa my little Chaka", where we did a didactic sequence, which goes through the various disciplines, culminating in a presentation called Literary Festival. The temporality was visualized from the observation of the illustrations, allowing to the students' look several interpretations in the course of the counting process, the discovery of the language and its meanings.

**Keywords:** African national characteristics in literature. African tales. Black people - Racial identity.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Aperfeiçoamento em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar - UNIAFRO, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lídia Lima da Silva.

<sup>2-4</sup> Estudantes do curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o início dos tempos contar histórias é tradição que se estende até os dias atuais, sendo capaz de carregar consigo toda uma história, a qual está inserida a cultura de um povo, de um tempo. O conto tem como ferramenta de disseminação a oralidade, que permeia o desenvolvimento da linguagem, e muito tempo depois o registro.

A oralidade traz em si um arcabouço de ensinamentos, saberes e conhecimentos que consegue integrar no tempo, no espaço e nas tradições todo um povo.

No Continente africano a oralidade mantém grande parte de suas tradições, por meio dos contos e vivências, que tem como base os princípios, os valores, a socialização de saberes e a vida em comunidade. Os contos são a memória de um determinado povo que passa de geração em geração, com o papel de educar, entreter e preservar a cultura local. Temos como exemplo de contadores de histórias figuras como: os Griots, que tem o ofício de guardar e ensinar a memória cultural da comunidade; e o Doma, conhecedor de todas as histórias, guardião dos segredos da gênese cósmica e das ciências da vida e mestre de si mesmo.

A exemplificação de uma figura icônica é o GRIÔ, ser que é responsável pela propagação das histórias e encantamento. A formação griô antecede a ancestralidade, desde pequeno o griô aprende a conservar e dominar história, a formação griô presume se que é apenas um contar histórias, o seu papel diante a comunidade se estende. Há muito tempo, para assumir a função de griô precisava nascer de uma família de tradição griô.

Conto africano é um importante instrumento pedagógico para construção da identidade e reparação das marcas deixadas pelo grande apelo eurocêntrico. Os contos são tidos como uma maneira de resgatar a identidade e conservar a cultura popular.

O hábito de contar, ouvir e recontar amplia o repertório lingüístico do individuo sendo capaz também de fazê-lo refletir sobre o aspecto social e o grupo cultural ao qual está inserido.

No curso de aperfeiçoamento: Educação para as Relações Étnico Raciais/CPGRAD, na disciplina: O uso pedagógico de mitos e contos africanos e Afrobrasileiros da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro

Brasileira (UNILAB), fomos convocados a instituir um Projeto com foco interventivo para qualificar o uso dos contos africanos como aporte pedagógico nas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental I, na Escola Municipal Maria das Dores Alves.

A legislação vigente 10.639 de janeiro de 2003 aponta a implantação da disciplina de História e cultura afrobrasileira como aporte pedagógico da construção e ressignificação da identidade do indivíduo. A relação Brasil e África perpassa não só pela cor da pele, mas por toda construção de uma identidade cultural que é vivida e identificada nas mínimas ações.

No dicionário escolar de Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras, o termo Identidade significa: 1. qualidade de idêntico; igualdade. 2. Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa.

Para nosso estudo tratamos aqui a identidade como uma característica construída socialmente em conjunto e vivencia com os demais sujeitos de um determinado grupo em diferenciação com os demais grupos com os quais se relacionam, inclusive na escola.

Para Hall (2000), a identidade da pessoa é formada na interação entre o eu e a sociedade, construídas por meio das diferenças e não fora dela, considerando, pois, as identidades como “pontos de apegamento temporário às posições-de-sujeitos que as práticas discursivas constroem para nós. (p.112).

Desta forma, o discurso, tem papel fundamental no processo de construção de identidades. Compreender as diferenças e as igualdades constituinte de cada grupo é essencial. Portanto, apresentar positivamente a história e cultura de um grupo, qualificando o processo de sua construção, pode possibilitar uma identificação do ponto de vista social e cultural, que favoreça o reconhecimento identitário.

A utilização de materiais paradidáticos com foco no conhecimento e ressignificação da África torna-se uma ferramenta importante na construção dos saberes e vivências de uma realidade tão nossa, mas oprimida pela produção de contos eurocêntricos, os quais muitas vezes o indivíduo negro não se identifica visualmente, historicamente.

De acordo com o site: [www.mundoeducacao.bol.uol.com.br](http://www.mundoeducacao.bol.uol.com.br), o Eurocentrismo é: influência política, econômica, social, cultural, exercida pela Europa sobre outras áreas geopolíticas, europeísmo. É uma idéia que coloca os interesses e a cultura Européia como sendo as mais importantes e mais avançadas do mundo, negando e ou desvalorizando a cultura de outros Continentes.

Para desenvolvimento e análise do trabalho proposto foi utilizado o conto As panquecas de Mama Panya, África meu pequeno Chaka, relatam o cotidiano e a sabedoria do povo africano, dentro do estudo desenvolvido sobre África, contar história perpassa não só pelo prazer contido em propagar uma idéia ou está reunido, mas ampliar o conhecimento e não deixá-lo se perder durante os tempos.

## **2 JUSTIFICATIVA**

A dinâmica de sala de aula requer uma grande diversidade de recursos e também a utilização de vários gêneros textuais. No desenvolvimento do trabalho de leitura e produção textual com foco na Festa literária da Escola Municipal Maria das Dores Alves optamos por contemplar os contos africanos como aporte pedagógico em sala de aula. Este gênero textual foi considerado ideal para este projeto, pois traz os ensinamentos da cultura africana no que tange a construção de identidades individuais e coletivas. Para tanto, apresentamos os contos: As panquecas de Mama Panya e África meu pequeno Chaka.

Definimos o conto As panquecas de Mama Panya como ponte para corporificar nosso trabalho.

Do ponto de vista científico justificamos o uso dos contos africanos como uma possibilidade de releitura da história da cultura africana, na medida em que abordamos aspectos culturais, geográficos, científicos, religiosos, filosóficos e identitário, com conto, reflexão, reconto, dramatização, como culminância da Festa Literária.

Durante o processo de desenvolvimento das atividades, convidamos duas alunas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB), do país Guiné Bissau, do Continente Africano, que cursam o Bacharelado em Humanidades, Janica Zaida N`della e Tania Correia Jaló, para falarem sobre a cultura e outros contos africanos. Essa participação enriqueceu muito o nosso trabalho, uma vez que, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e dialogar com moradoras daquele continente, tirando dúvidas sobre religião, dança, gastronomia, vestuário, linguagem, e entre outros aspectos, criando certa identificação.

Do ponto de vista social, compreendemos que a construção de identidades se da em todos os espaços de vivência e convivência, inclusive na escola, com a historicidade positiva de grupos e culturas a que pertencemos, e enquanto

descendentes de negros africanos escravizados, é socialmente necessário o reconhecimento positivo das nossas raízes.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 GERAL**

- Interagir com a literatura africana na perspectiva de descolonizar as histórias e contos onde prevalece a representação de modelos eurocêntricos, para a construção de identidades individuais e coletivas.

#### **3.2 ESPECÍFICOS**

- Valorizar a leitura como fonte de formação, informação e entretenimento por meio da literatura africana;
- Contribuir para a igualdade e equidade das relações étnico raciais;
- Mostrar a importância da literatura oral para a cultura africana;
- Apresentar, rerepresentar e representar positivamente a cultura africana.

### **4 METODOLOGIA**

Desenvolvemos um projeto de intervenção, com abordagem qualitativa por meio da Pesquisa-ação, que de acordo com GIL (2010) é “indicada para a intervenção, desenvolvimento e mudança no âmbito de grupos e comunidades”.

Neste contexto, utilizamos o conto africano, para introduzir positivamente a história e cultura do continente, como aporte pedagógico interdisciplinar, uma vez que foi traçada uma seqüência didática envolvendo varias áreas do conhecimento, em diversas etapas. Este Projeto foi aplicado nas turmas de 5º ano do Ensino fundamental I, da Escola Municipal Maria das Dores Alves, localizada na Av. Santa Rita, S/N, no bairro de São Bento das Lajes, em São Francisco do Conde na Bahia.

“A Pesquisa-ação tem características situacionais, já que procura diagnosticar um problema específico numa situação específica, com vistas a alcançar algum resultado prático”.

Assim, percebemos que os contos africanos são pouco utilizados para desenvolver trabalhos concretos em sala de aula, uma vez que os contos de fadas estão sempre em voga, reproduzindo uma cultura de branquitude e negação dos contos africanos e afrobrasileiros. Desta forma, apresentamos o conto: As panquecas de Mama Panya, em seguida desenvolvemos uma leitura compartilhada, refletimos sobre os ensinamentos contidos no conto, dividimos o conto em partes e personagens, fizemos uma revisão textual, construímos glossário dos termos desconhecidos, elencamos situações problema, fizemos a construção de um caderno de descobertas, desenvolvemos atividade prática de pintura em tela, e por fim montamos uma peça teatral para a culminância do projeto, na Festa Literária da Escola Maria das Dores Alves, no dia 27 de novembro do corrente ano.

Durante o processo os alunos se identificaram com os personagens do conto e refletiram sobre a solidariedade e o sentimento de pertença a determinado grupo e posteriormente listamos as características do grupo local, atividades sociais as quais estão inseridos, tecendo comparações com o modo de vida de Adika e Mama Panya.

## **5 RESULTADOS DA PESQUISA**

O projeto de intervenção desenvolvido na Instituição Maria das Dores Alves, localizado no Bairro de São Bento, s/n, nas turmas do 5º ano, teve como objetivo a Inserção da literatura africana na perspectiva de descolonizar as histórias e contos, onde continua prevalecendo à representação de modelos eurocêntricos, para a construção de identidades individuais e coletivas, pautada no método de pesquisa-ação fomentada por Antonio Carlos Gil (2010).

O trabalho foi desenvolvido com o uso dos contos Africanos em sala de aula, As panquecas de Mama Panya e África meu pequeno Chaka, onde realizamos uma seqüência didática, que passeia pelas diversas disciplinas, culminando em uma apresentação denominada como Festa Literária.

A temporalidade foi visualizada a partir da observação das ilustrações, possibilitando ao olhar dos alunos várias interpretações ao decorrer ao processo de contação, a descoberta do idioma e seus significados.

O caderno de descoberta assim denominado permitiu a compilação das atividades pedagógicas assim como a pintura em tela, desenvolvimento da receita das panquecas, culminando em uma Festa Literária com apresentações teatrais e exposição de telas.

O conto as Panquecas de Mama Panya se passa no Quênia, nele são abordados valores como generosidade, solidariedade e vida comunitária, desenvolvimento do espírito fraterno ao compartilhar uma refeição quando o pouco se torna muito.

O trabalho foi desenvolvido desde o manuseio do livro, às características históricas e geográficas da África, mais especificamente o Quênia, o conhecimento da língua Ksiwahili, a produção de um glossário e a composição da peça teatral.

O uso do conto como instrumento pedagógico permite a ampliação do repertório lingüístico, conhecimento cultural, seqüência temporal e acima de tudo a conservação histórica.

## **6 QUADRO TEÓRICO**

Para fins deste trabalho foi necessário esclarecimentos a respeito do termo identidade, e do uso pedagógico dos contos.

O termo identidade, no dicionário trata-se de uma identificação pessoal, individual. Mas, no contexto do nosso Projeto, este termo assume proporções maiores, fincadas num terreno fértil da identidade de grupos e da vida em sociedade. Foi possível, também perceber que ela, a identidade, vive constantemente em movimento, na medida em que nos aproximamos ou nos distanciamos de determinados grupos ou atividades ao longo da vida, de acordo com o nosso sentimento de pertencimento, tudo atrelado aos conhecimentos adquiridos em nossas vivências. Muitas das vezes nossa identidade pode ser contraditória ou pode esta passando por um processo de reconstrução e por isso parecer ainda não resolvida, como resultado de mudanças institucionais e estruturais.

Para HALL (2000): “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.”

Desta forma, construímos e reconstruímos nossa identidade de acordo com as experiências as quais passamos historicamente, com determinado grupo, estando, por conseguinte, em processo de mudança constante, principalmente de Identidades/identificações.

WOODWARD (2000)” trata a identidade como adquirida através da linguagem e dos meios simbólicos. Ainda, destaca a identidade como relacional, tendo em vista sua definição ser reproduzida através da diferença e, conseqüentemente, pela exclusão”.

O caráter relacional apontado pelo autor para a construção de identidade reafirma as teorias de Hall, no que diz respeito às experiências vividas pelos sujeitos em determinados grupos e momentos históricos.

O berço da civilização assim como é conhecido o continente Africano é mais enriquecido pela preservação da sua história através da oralidade presentes nos contos, essa oralidade também é preservação de memória permitindo a vivacidade dos ensinamentos vivenciados, dando continuidade aos saberes de suas tão distintas realidades, que contam como ferramentas conservação de sua memória aportes que encantam e seduzem o ouvinte tais como: entonação de voz, gesticulação, dança canto entre outros.

A utilização do conto passa pelo aporte de educação de um povo, de uma sociedade e de um tempo.

O ensinamento que há mantido o relato durante séculos, nas distantes aldeias de África Ocidental, pode também ser recebido, entendido e interpretado por ouvidos muito distintos daqueles a que estavam destinados no princípio. E assim, o conto segue cumprindo a missão que lhe foi encomendada. O conto segue sendo, então, um transmissor de valores tradicionais que, ademais, devem ser descobertos por entre os rodeios da história e adaptados à realidade que se vive. A cada um sua missão, a cada qual, sua tarefa. Mas, “de um e outro lado do mar de areia” os homens e as mulheres não são, afinal de contas, tão distintos! (AGBOTON, 2004, p. 12-13).

Os contos africanos não perdem sua essência de continuar trilhando os caminhos da propagação dos conhecimentos a partir de sua singular identidade que permite diversas interpretações aos olhos e ouvidos mais distintos, mantendo o



aprendizado a reflexão e sua própria utilização a cargo do ouvinte e a intencionalidade dos que nele estão envolvidos. “Na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima”, dizia Amadou Hampâté Bâ (1901-1990 SISTO, Celso, apud.p.9). Reiterando a ideia de conservação e valorização dos indivíduos envolvidos neste contexto. Esta experimentação de um fazer pedagógico como este, possibilita diversificadas empregabilidades como aporte pedagógico, sendo pedagogia ciência que tem como instrumento de estudo as ações educacionais, assim como a contação de história conservação, memória construção, reconstrução e análise das identidades. Esta propagação destes contos ecoa de forma a favorecer a preservação de uma história de um povo e todos nela envolvidos.

## **7 CONCLUSÃO**

Neste estudo não se pretende esgotar as possibilidades de inferências sobre o uso pedagógico de contos africanos e afrobrasileiros, assim como, não se pretende definir como as identidades são construídas. Trata-se apenas de um pequeno ensaio que traduz parte do trabalho desenvolvido na Escola Municipal Maria das Dores Alves, como produto do curso de aperfeiçoamento: Educação para as relações étnico raciais – UNIAFRO.

Para tanto, ressaltamos a importância da utilização dos contos como aporte pedagógico, disseminando a cultura oral, o resgate de valores e saberes tradicionais do continente africano, tendo em vista que os contos são memórias de um determinado povo, passando de geração em geração, e tem um papel determinante de educar, entreter e preservar a cultura local.

Desta forma, a utilização dos contos possibilitou o conhecimento sobre a tradição daquela aldeia queniana, além de permitir uma identificação dos alunos com aqueles personagens, despertando o sentimento de generosidade, solidariedade e comunhão, além de propiciar a reflexão sobre diferenças e igualdades, essencial para a construção, reconstrução de identidades individuais e coletivas, ressignificando o seu lugar no tempo e no espaço, compreendendo, identificando e valorizando a cultura afrobrasileira e a afrocentricidade em parâmetro com a cultura de outros continentes.

## REFERÊNCIAS

AGBOTON, Agnés. **Na miton**: La mujer em los cuentos y leyendas africanos. Barcelona, RBA Libros, 2004.

BÁ, Amadou Hampaté. **Amkoullel, o menino fula**. Trad. Xina Smith de Vasconcelos. São Paulo, Palas Athena/ Casa das Áfricas, 2003.

Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa/ Evanildo Bechara. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

GIL, Antonio Carlos, 1946 – **como elaborar projetos de pesquisa**/ Antonio Carlos Gil. – 5 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz T. (org.).

HAAL, Stuart. **Identidade cultural na pos modernidade**. Tomaz Tadeu Silva: DP&A Editora. 7ª edição – São Paulo. 2005.

SILVA, Tomaz T. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

[www.mundoeducacao.bol.uol.com.br](http://www.mundoeducacao.bol.uol.com.br), acesso em 05 de dezembro de 2015 às 08:25.